

CONTRARREFORMAS EDUCACIONAIS E CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE

REGIS ARGÜELLES
(FEUFF/LIEPE/NEDDATE/NIEP)


DISCUSSÃO

Hegemonia neoliberal e
contrarreformas
educacionais

Dilemas do trabalho
docente

Questões contemporâneas:
competências e TDICs

Considerações finais



HEGEMONIA
NEOLIBERAL E
CONTRARREFORMAS
EDUCACIONAIS

UM POUCO DE HISTÓRIA

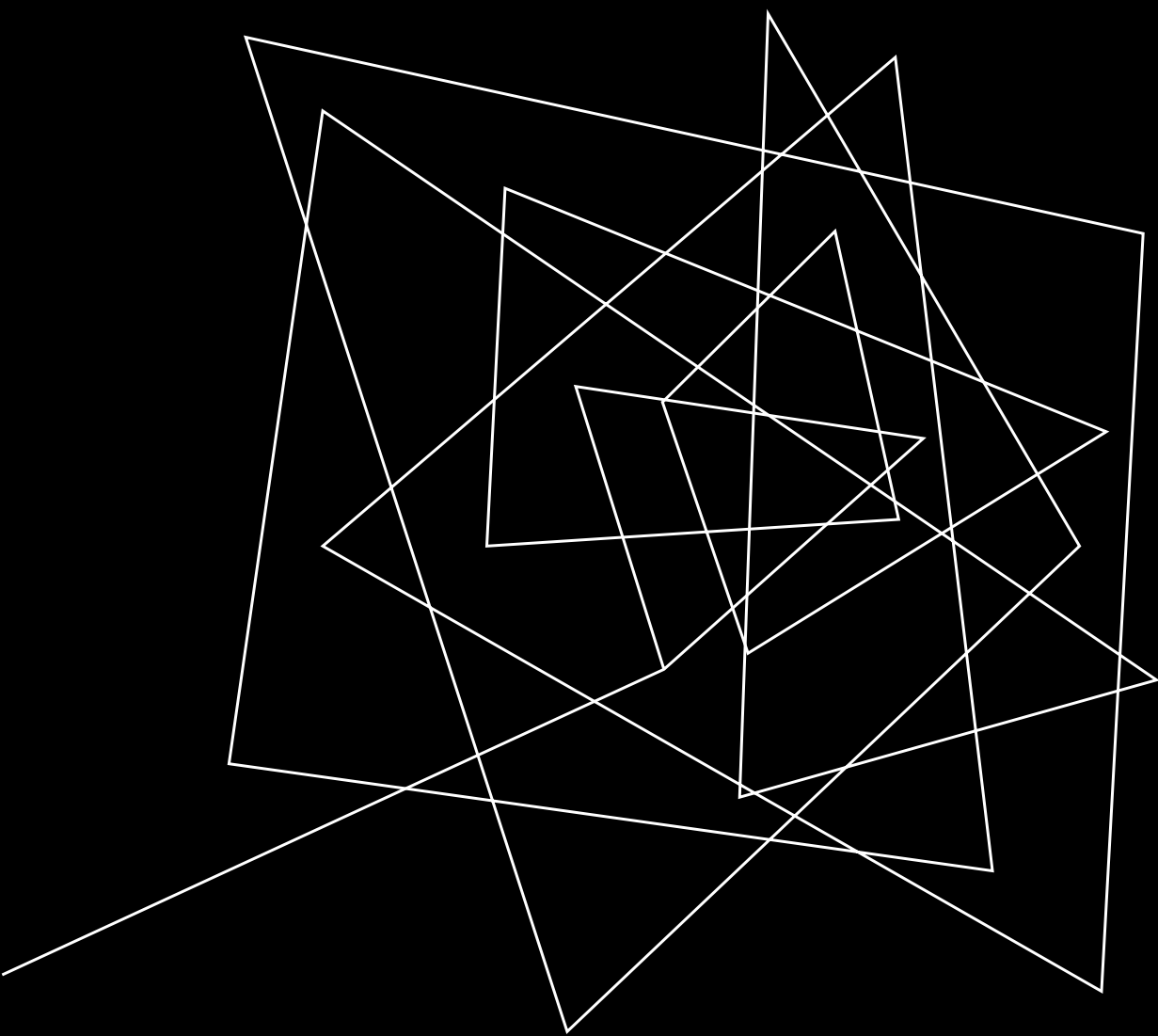
- Ampliação do consenso neoliberal nos últimos 40 anos: o “mercado” como baliza ético-moral das relações sociais e de funcionamento institucional, com foco na competição e na performance (Dardot e Laval, 2016).
- Crise e nova morfologia do trabalho (Antunes, 2020): uso intensivo de tecnologia, diminuição dos postos de trabalho, intensificação, perda de direitos, plataformização.
- Exigências para o “trabalhador do século XXI”: flexível, resiliente, inovador, empreendedor, competitivo (competências socioemocionais).

UM POUCO DE HISTÓRIA

- No campo das políticas educacionais nota-se o adensamento de organizações empresariais e a implementação de uma agenda educacional de acordo com seus interesses (LAVAL. 2019).
- Essas organizações, centralizadas pelo Todos pela Educação, defendem um modelo utilitário de educação, reduzindo o campo da formação humana às demandas do mercado de trabalho.
- As políticas educacionais refletem em grande medida as demandas do setor empresarial. Seus eixos são o fomento da competitividade através da avaliação centralizada, a premiação por metas, cultura de performance, e a disseminação das competências socioemocionais nos processos de ensino-aprendizagem.

EM SUMA

- Identificação dos objetivos e meios das instituições de educação com os da empresa.
- Disseminação da ideologia do mercado na gestão, no currículo e na avaliação educacional, condensadas na categoria “formação integral do sujeito”.
- Ampliação do controle técnico-burocrático sobre as práticas educativas.



DILEMAS DO
TRABALHO
DOCENTE



O QUE NOS DIZ A LITERATURA?

Natureza sócio-histórica

Miranda (2017, p. 206) associa as transformações contemporâneas do mundo do trabalho às transformações no trabalho docente, à medida que as primeiras buscam "disputar a forma de pensar e agir dos trabalhadores", o que causa impactos profundos no cotidiano de professoras.

Gestão técnica e controle do trabalho

Contreras (2002) chama atenção para um processo de **desqualificação** e **requalificação** do docente, processo que tem como estertores as políticas de gestão importadas do setor privado. As consequências dessa orientação são a subsunção da prática docente à técnica burocrático-racional, retirando dos docentes a sua autonomia.



O QUE NOS DIZ A LITERATURA?

O mal-estar docente

O aumento de responsabilidades e exigências direcionadas aos docentes tem contribuído para o aumento da sensação de mal-estar da categoria (Esteve, 1999). Soma-se isso a concorrência crescente a que é submetida a instituição educacional, o achatamento de salário e o aumento de número de horas trabalhadas.

O esgotamento

Esteve (1999) sublinha que os processos de esgotamento (*burnout*) docente estão diretamente relacionados ao aumento de exigências e de complexidades que envolvem a profissão docente, e a falta de tempo e de formação para se adequarem aos novos ares. Com isso, acumulam-se casos de **conformismo, desilusão profissional, absenteísmo, adoecimento e abandono da profissão.**



O QUE NOS DIZ A LITERATURA?

Intensificação e proletarização

Citando como exemplos o robustecimento das atividades de registro e de avaliação no cotidiano docente, Apple (1995) faz uso da categoria intensificação no sentido de discutir as consequências da separação cada vez mais aguda entre concepção e execução no âmbito do trabalho educativo. Os professores afirmam perceber a degradação da profissão em um contexto geral de perda de direitos, aproximando-se sua condição de classe a dos proletários.

Sufrimento material e subjetivo

Oliveira e Vieira (2012) argumentam que o alto grau de intensificação do trabalho docente nos últimos anos é acompanhado da pauperização desse trabalho. Ao lado desse fenômeno estão os sofisticados mecanismos de controle do trabalho docente, que potencializam a trabalho repetitivo e alienado.

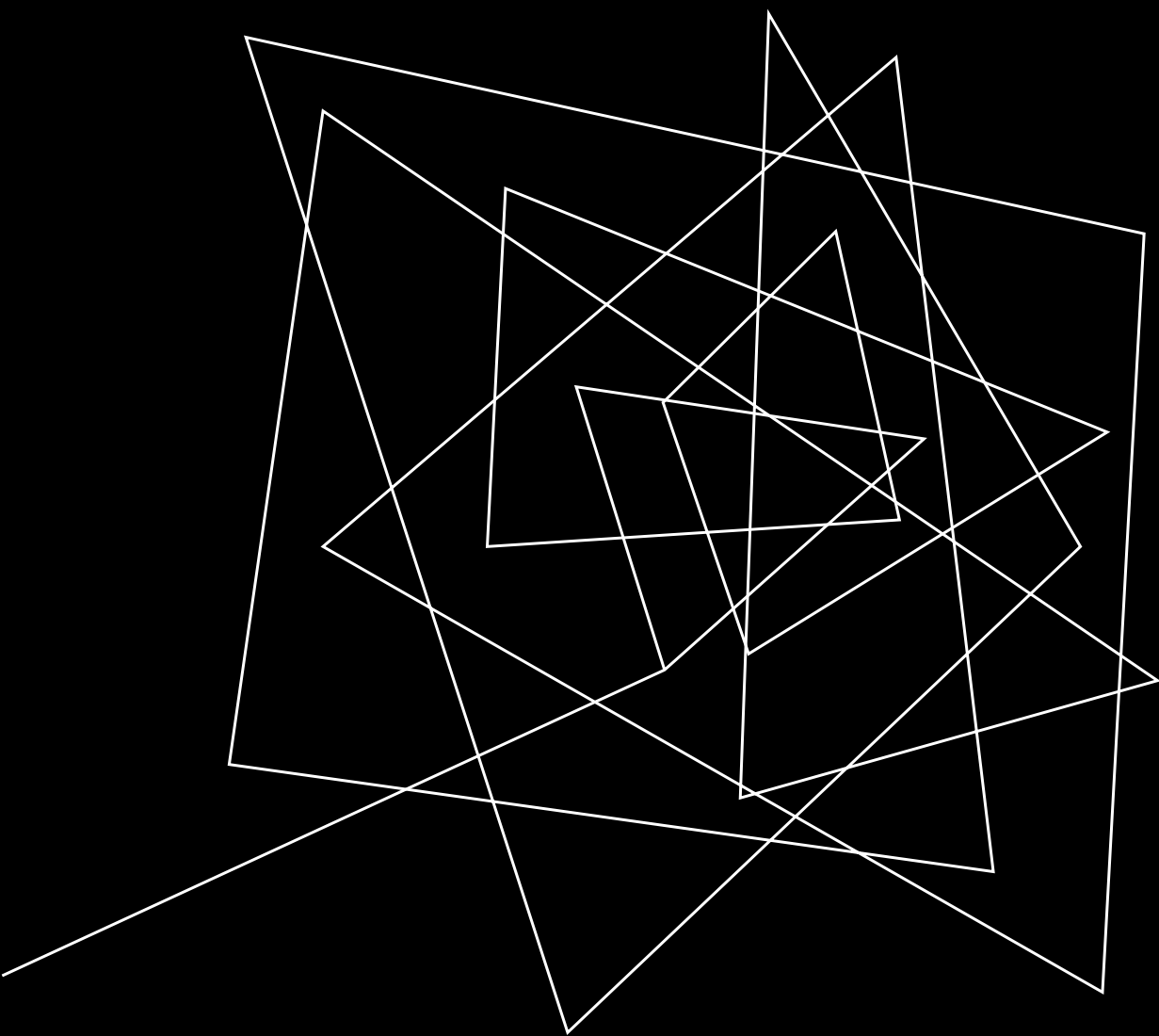


CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE DOCENTE

Nos últimos anos, os problemas de saúde mental tem sido o principal motivo de licenças médicas e readaptações entre docentes.

Pesquisas têm buscado relacionar esses problemas às condições materiais e subjetivas do trabalho docente, como é o caso de Codo (1999), Araújo e Carvalho (2009), Robalino (2012) e Zalafão (2021).

Dialogando com autores da sociologia do trabalho, Zalafão (2021, p. 100) argumenta que “a estabilidade (ou não) no emprego, os salários, a carga e o conteúdo do trabalho, o ambiente físico, a autonomia (ou não) profissional, o reconhecimento e a valorização profissional contribuem para o adoecimento”.



AS COMPETÊNCIAS
SOCIOEMOCIONAIS
E A
PLATAFORMIZAÇÃO

COMPETÊNCIAS PARA COMPETIR: BNCC E NEM

- A agenda empresarial para a educação dos últimos 40 anos vem enfatizando a importância do desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais, que entendem ser fundamental na empregabilidade das novas gerações.
- A ênfase em atitudes e valores tem produzido um maior controle e intensificação do trabalho pedagógico em sala de aula (Freitas, 2012).
- A disseminação do ensino das competências socioemocionais tem provocado a desvalorização de algumas disciplinas da formação geral, o que pode colocar em xeque a formação profissional e a autoimagem dos docentes (Esteve, 1999), fortalecendo a ideia do **professor flexível**.

TDICS E A PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

- O conceito de professor flexível ganha relevo, especialmente com o crescimento do trabalho digital associado ao exercício da docência. Previtali e Fagiani (2020) chamam atenção a contratação de professores via apps, no Brasil e no exterior, a partir do slogan “a escola é difícil, conseguir um tutor é fácil”.
- A implementação crescente e acrítica das TDICs nas instituições educacionais são exemplos de uma concepção de docência na qual o mero uso da tecnologia torna-se um bem em si próprio (Barreto, 2009) e, portanto, saber usar uma plataforma educacional determina a qualidade do docente nas relações de ensino-aprendizagem.
- Reforça-se, assim, a ideia do **professor mediador/tutor/coach**, um mero acessório motivacional de situações de aprendizagem. Um profissional que, no limite, pode ser substituído por processos automatizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A hegemonia neoliberal tem, nos últimos 40 anos, promovido a degradação das condições de vida da classe trabalhadora, através da pauperização, da intensificação e da insegurança do trabalho.
- As condições de trabalho docente são, a sua maneira, afetadas pelo avanço das contrarreformas educacionais, e há uma percepção consolidada que a categoria atravessa há muitos anos processos de sofrimento subjetivo e material.
- Ainda que ocorram diferentes respostas para a situação de sofrimento, as questões de saúde mental emergem como um problema grave.
- Por suas características próprias, o ensino privado pode ser considerado como uma “ponta de lança” dessas contrarreformas, dentre as quais destacamos o aumento do controle sobre o trabalho docente e a plataformização.
- Faz-se necessário, portanto, a ampliação da investigação desse fenômeno que envolve condições de trabalho e saúde do docente, no sentido de visibilizar e refinar a percepção dos movimentos sociais sobre a questão.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0. São Paulo: Boitempo, 2020.

APPLE, Michel,. Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARAÚJO, Tania Maria, e Fernando Martins CARVALHO. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. Educação e Sociedade, maio-ago de 2009: 427-499.

BARRETO, Raquel Goulart. Discursos, tecnologias, educação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

CODO, Wanderley (coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.

DARDOT, Pierre, e Christian LAVAL. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEVE, José M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREITAS, Luis Carlos de. “Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação.” Educação & Sociedade, 2012: 379-404.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa. São Paulo: Boitempo, 2019.

MIRANDA, Kênia. Lutas por educação no Brasil recente: o movimento docente na educação superior. Niterói: Eduff, 2017.

OLIVEIRA, Dalila, e Lívia VIEIRA. “Condições de trabalho docente: uma análise a partir de dados de sete estados brasileiros.” Em Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros, por Dalila Andrade e VIEIRA, Lívia Fraga (orgs.) OLIVEIRA. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

PREVITALI, Fabiane Santana, e FAGIANI, Cílon César. “Trabalho digital e educação no Brasil.” Em Uberização, trabalho digital e Indústria digital, por Ricardo (org.) Antunes, 217-236. São Paulo: Boitempo, 2020.

ROBALINO, Magaly. “A saúde e o trabalho docente: um desafio para as políticas públicas de educação.” Em Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros. , por Dalila Andrade OLIVEIRA e Lívia Fraga (orgs.) VIEIRA. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ZALAFÃO, João. De que adoecem professores e professoras? São Paulo: Usina editorial, 2021.